

Não há nada de positivo na revolta a favor de Zuma

Via [Viento Sur](#)

O ex-presidente Jacob Zuma e seus acólitos lucraram com a imensa pobreza e desigualdade da África do Sul através de uma campanha maciça de sabotagem econômica. Qualquer resposta deve abordar as misérias que pesam sobre o país e o caos atual.

A África do Sul não é um país normal. Quase metade da força de trabalho está desempregada; esta proporção sobe para 76% entre os jovens, que não esperam nada do futuro. A África do Sul tem o maior índice de desigualdade do mundo: a enorme riqueza coexiste com a pobreza extrema. É um país onde a violência, as disfunções do Estado e os serviços em colapso são comuns. É um país que carece de um forte partido de oposição, apesar do fato de que o Congresso Nacional Africano (CNA) já é incapaz de governar. Nessas condições, muitas pessoas vêm prevendo, há anos, o surgimento de protestos em massa. Mas não foi a pobreza, o colapso dos serviços ou o desemprego que desencadeou a pior agitação na África do Sul desde o fim do apartheid, mas a prisão do ex-presidente Jacob Zuma por desrespeito ao tribunal.

Durante anos, Zuma, seus filhos e seus amigos criminosos têm ameaçado com violência e derramamento de sangue caso ele seja preso pelos muitos crimes de que é acusado. Agora, motins em massa nas duas províncias mais populosas da África do Sul resultaram em pelo menos cem mortes, mais de um bilhão de dólares em danos materiais e na destruição de toda a cadeia de abastecimento na província de KwaZulu-Natal.

Centenas de lojas, centros comerciais, mesquitas, clínicas, armazéns, fábricas, centros de vacinação, estações de tratamento de água, plataformas logísticas e mastros de

telefones celulares foram vandalizados e queimados em uma campanha de saques espontâneos e sabotagem encoberta e direcionada. As multidões agora controlam as estradas de acesso a KwaZulu-Natal. O porto de Durban, o mais importante terminal marítimo da África subsaariana, suspendeu as operações. KwaZulu-Natal já está sofrendo de escassez de alimentos e combustível. Os medicamentos, muito necessários para combater a devastadora terceira onda da covid-19 que está causando estragos em todo o país, não estão chegando aos hospitais em quantidade suficiente. A campanha de vacinação do país foi descarrilhada justamente quando começava a ganhar impulso.

A polícia, na maior parte das vezes, ficou parada, seja por falta de vontade ou por desamparo, enquanto milhares de pessoas invadiram shoppings e lojas. Em resposta à incapacidade do Estado de deter a violência, formaram-se milícias, particularmente em comunidades brancas, indianas e de coloreds, tomando a lei em suas próprias mãos para proteger seus bairros e empresas. As máfias do poderoso sindicato de taxistas da África do Sul também intervêm para proporcionar segurança em shopping centers e outros lugares. Numerosas mortes têm sido relatadas como resultado de confrontos entre saqueadores e grupos comunitários de autodefesa.

A mesma força policial, que foi muito ativa durante o encarceramento, quando se tratava de prender internautas ou assediar fumantes e beberrões, não está disposta ou capaz de deter o colapso total de partes das maiores cidades da África do Sul no caos. Foram vistos engarrafamentos de quilômetros, e a pilhagem de shopping centers e armazéns é generalizada. É preciso se perguntar sobre o fracasso dos serviços de inteligência do Estado e a falta de preparação das forças de segurança. As autoridades de segurança já insinuaram que suspeitam que elementos corruptos nas forças de segurança estão coordenando e apoiando os tumultos. Sabemos que agentes corruptos do serviço de segurança do estado fugiram com

bilhões de rands, a moeda da África do Sul e milhares de armas de fogo durante os mandatos da Zuma. A incapacidade da polícia de controlar a agitação levou o presidente, Cyril Ramaphosa, a mobilizar o exército, que não está treinado para lidar com a agitação em massa. Cerca de 25.000 soldados serão enviados para os pontos críticos nos próximos dias no maior destacamento militar visto desde o fim do apartheid.

Naturalmente, Zuma não pode ser responsabilizado por toda a agitação. Elas estão ocorrendo em meio ao terceiro confinamento da África do Sul, e o governo decidiu não fornecer assistência social à classe trabalhadora e às pessoas pobres. Para piorar a situação, o governo adotou duras medidas de austeridade, incluindo cortes nos orçamentos de educação e saúde, bem como nos subsídios sociais que são a linha de salvação de mais de 17 milhões de sul-africanos. Com tanta gente desesperada e zangada, a pilhagem em massa era previsível.

Entretanto, isto não é nem uma revolta de pão nem o fator Tunísia que muitos previam. É um sintoma da crise atual que é em grande parte culpa de Zuma, assim como um sintoma do fracasso do CNA, desde que chegou ao poder em 1994, em criar uma economia inclusiva e uma sociedade que redistribuiu grande parte do excedente para a população. Falta liderança em todos os níveis, desde a sociedade civil até a classe política e os sindicatos. A maioria da população da África do Sul está empobrecida, sofrendo de extrema violência e privação social, bem como a falta de liderança confiável e qualquer esperança de melhorar sua condição social.

A esquerda deve saber interpretar a pilhagem em massa deste calibre, em vez de celebrá-la. Devemos reconhecer os problemas subjacentes que geram tais saques e não saudá-los como atos de redistribuição da autoria popular. Este tipo de romantismo é sintomático de uma esquerda que se distanciou de sua base social e carece de visão e programa. Na ausência de direção política, este tipo de ação espontânea muitas vezes dá uma

volta muito sinistra na África do Sul e, neste caso, foi instrumentalizada pela facção Zuma.

Embora os eventos ainda estejam se desenrolando e muita desinformação tenha circulado sobre eles, podemos nos aventurar em algumas análises iniciais. Esta revolta não pode ser descrita como uma explosão espontânea de indignação coletiva por parte da população oprimida. Ela começou com uma campanha política para a libertação de Zuma e foi lançada por vários atores, incluindo vários bandidos dos serviços de segurança, filhos e filhas de Zuma, elementos da máfia e outros aliados próximos de Zuma, ou seja, uma facção do CNA. A campanha se assemelha ao tipo de revolta bem coordenada e planejada vista durante uma guerra civil ou tentativa de golpe. Há inúmeros relatos de pessoas que afirmam ter sido pagas para iniciar o saque ou de pessoas sendo transportadas para um centro comercial para saqueá-lo.

Há também um componente étnico em tudo isso, pois Zuma e seus apoiadores procuraram explicitamente mobilizar os nacionalistas de etnia zulu em sua defesa. Nas palavras do Ministro da Justiça Ronald Lamola, ela envolveu sabotagem econômica ao visar partes cruciais da economia. Esta violência sectária não só segue o padrão clássico das campanhas de sabotagem contra a infra-estrutura de transporte, mas também se materializou nos mesmos lugares que a violência política do final dos anos 80 e início dos anos 90, que ceifou até 30.000 vidas, bem como pogroms xenófobos nos anos mais recentes.

Segundo Ayanda Kota, líder do Movimento Popular dos Desempregados, os protestos são "organizados numa base tribal, chauvinista e étnica". Eles também têm uma tonalidade xenofóbica horrível e houve ataques a estabelecimentos de propriedade estrangeira e comerciantes estrangeiros. Esta campanha visa a própria democracia da África do Sul e é liderada por uma facção do partido no poder que aspira a queimar literalmente o país até o chão para atingir seus objetivos. É uma ameaça para o futuro do país e deve ser

enfrentada por forças progressistas. Trata-se de fato de uma campanha política, e nela reside seu potencial e seu perigo.

Infelizmente, este tipo de agitação é previsível na África do Sul, dada a extensão das disfunções de estado e do empobrecimento em massa. A pandemia da covid-19 e a austeridade só agravaram os problemas sociais que já existiam. Qualquer resposta à revolta de massas deve abordar as condições estruturais subjacentes que fazem da África do Sul o país mais desigual do mundo. Ainda na semana passada, um relatório previu uma revolta em massa na cidade de Alexandra, próxima a Johannesburg, uma das áreas mais densamente povoadas da África do Sul, com cerca de 750.000 pessoas amontoadas em cerca de 800 hectares. Ela fica adjacente a Sandton, a mais rica área residencial da África. De acordo com o relatório, “estas condições superlotadas, juntamente com a falta de planejamento e desenvolvimento de infra-estrutura à medida que o distrito tem crescido, e com altas taxas de desemprego e dificuldades no acesso aos direitos sócio-econômicos, fazem de Alexandra uma bomba relógio”.

A resposta a estes problemas sociais requer um governo que rompa com a austeridade para criar novos programas sociais, restabeleça a capacidade de ação do Estado e garanta a segurança, e tenha uma administração civil competente e preparada. Entretanto, dado que a crise atual foi gerada por uma facção política, as medidas de bem-estar social por si só não serão suficientes para conter a raiva que foi desencadeada. O Estado deve agir rapidamente para restaurar a ordem em KwaZulu-Natal e Gauteng. Caso contrário, a violência sairá de controle assim que as milícias étnicas e vigilantes confrontarem as pessoas nas ruas. Muitas pessoas morrerão e há uma boa chance de que as tensões étnicas e raciais degenerem em violência aberta. Se o Estado não restaurar a ordem, muitas pessoas morrerão nos hospitais por falta de suprimentos médicos ou por fome. Há uma necessidade urgente de distribuição de alimentos na região.

A África do Sul está atolada nesta crise por causa do drama interminável das facções do CNA. Enquanto o Presidente Ramaphosa prega a unidade, seus colegas de partido estão reduzindo o país a cinzas. Isto está mais próximo da estratégia narcoterrorista de Pablo Escobar e do Cartel de Medellín: uma escalada da violência contra o governo colombiano para evitar a extradição, não uma revolução colorida ou um clássico golpe militar. Mesmo que não seja uma tentativa de golpe, ainda é extremamente perigoso. Zuma e seus aliados, como bons mafiosos, provavelmente usarão a violência para extrair concessões do Estado, tais como a desistência de processos judiciais e a manutenção do controle sobre seus negócios. A agitação também prejudica o governo de Ramaphosa, abrindo a possibilidade de que ele seja um presidente de um mandato (embora eu suponha que a grande maioria da população sul-africana ficará horrorizada em vez de ser atraída para a facção Zuma). Não há nada de positivo neste episódio sinistro, e mesmo que a revolta reflua nos próximos dias, é difícil ver como as coisas podem melhorar.